Apresentação

Depois de um período de reorganização, a Revista Mosaico traz a público seu sexto número. Com essa edição, esperamos contribuir para um diálogo plural dentro das áreas de história e ciências sociais, através de artigos de profissionais e de estudantes. Com esse espírito interdisciplinar, que é a marca de nosso programa de pós-graduação, a Mosaico apresenta, nesse número, o dossiê **Mundos do Trabalho**, bem como os artigos e resenhas recebidas em fluxo contínuo.

O dossiê ressalta a diversidade das relações de classe constitutivas da formação da classe trabalhadora no Brasil. Na entrevista concedida por John French especialmente para este número da revista, o eminente historiador “brasilianista”, com vasta e qualificada produção acerca da história social do trabalho, ressaltou que “é difícil fazer generalizações sobre países grandes como México e Brasil”. Talvez por isso, a pluralidade que nossa revista propõe, sempre pensando a realidade a partir de mosaicos interpretativos, seja um espaço profícuo para abordagens férteis e criativas. A entrevista com French foi realizada durante sua participação no *II Seminário Internacional Mundos do Trabalho*, ocorrido no CPDOC/FGV. O historiador aborda a sua formação acadêmica, o interesse pelo estudo dos movimentos operários, as diferenças no processo de formação da classe trabalhadora em países latino americanos e o fenômeno do lulismo.

No artigo *Sociabilidade Operária na Primeira República*, Ana Cristina Pereira Lima interpreta a atuação do Círculo de Trabalhadores e Operários Católicos de São José em Fortaleza. Fundado em 1915, a organização disputou a educação da classe operária, criando um tempo festivo e uma socialidade que ocupava o espaço público da cidade. As formas de lazer e ocupação do tempo livre estavam no cerne das disputas para a educação da classe operária.

Em *A trouxa de D. Izaura*, Marilécia Oliveira dos Santos analisou o cotidiano da Vila Operária da Companhia Empório Industrial do Norte (CEIN). Longe da imagem idílica de paz e harmonia projetada pela memória oficial da vila operária criada por Tarquínio de Souza, o cotidiano estava repleto de conflitos e tensões. Entre 1949 e 1960, Dona Izaura Meireles sofreu um processo crime, sendo acusada de roubar uma trouxa de tecidos da fábrica. A partir da análise dos testemunhos prestados à justiça, a autora discute as relações sociais no espaço de moradia.

Em *As dimensões das comissões de fábrica na história do sindicalismo brasileiro*, Josué Medeiros analisa as relações de classe na fábrica ASAMA Indústria de Máquinas S/A – a indústria era localizada na zona oeste do município de São Paulo e atuava no setor metalúrgico. O autor situa as contribuições da experiência da Comissão de Fábrica da ASAMA para a discussão historiográfica sobre o *novo sindicalismo*. Para tanto, faz importante revisão bibliográfica sobre o tema, apresentando o estado da arte sobre esse campo de estudo.